

MULHERES: ESCRITORAS NO RENASCIMENTO ITALIANO

WOMEN: WRITERS IN ITALIAN RENASCENCE

MUJERES: ESCRITORAS EN EL RENACIMIENTO ITALIANO

Maria Cecilia Casini¹

RESUMO: Retornando de um período de estudos realizado na Itália graças à seleção pelo PRINT, programa da Capes destinado a desenvolver planos estratégicos de internacionalização como forma de melhorar a qualidade dos cursos de pós-graduação brasileiros, de modo a dar maior destaque às pesquisas científicas e acadêmicas realizadas no Brasil, apresentamos o resultado de nossa mais recente pesquisa sobre a literatura feminina italiana renascentista. Além de podermos realizar uma expressiva atualização bibliográfica, tivemos acesso a arquivos e bibliotecas com material inédito, o que nos permitiu aprofundar os estudos sobre a obra de importantes intelectuais femininas do Renascimento (e não apenas). Na presente comunicação, apresentaremos algumas destas protagonistas de uma das épocas mais ricas da cultura italiana e mundial, o Renascimento, como Santa Caterina de Siena, Lucrezia Tornabuoni, Antonia Giannotta, Isabella di Morra, Gaspara Stampa, Veronica Franco, Veronica Gambara, Vittoria Colonna, Tullia d'Aragona, Isabella Andreini, entre outras.

Palavras-chave: Literatura feminina italiana. Renascimento. Itália.

ABSTRACT: Returning from a period of studies carried out in Italy thanks to the selection by the PRINT, a Capes programme aimed at developing strategic internationalisation plans as a way of improving the quality of Brazilian postgraduate courses, so as to give greater prominence to scientific and academic research carried out in Brazil, we present the result of our latest research on Italian Renaissance Women's Literature. In addition to being able to carry out an expressive bibliographical update, we have had access to archives and libraries containing unpublished material, enabling us to deepen our studies on the work of important female intellectuals of the Renaissance (and further). In this Communication, we will present some of these protagonists of one of the richest seasons of Italian and world culture, the Renaissance, such as St. Catherine of Siena, Lucrezia Tornabuoni, Antonia Giannotta, Isabella di Morra, Gaspara Stampa, Veronica Franco, Veronica Gambara, Vittoria Colonna, Tullia d'Aragona, Isabella Andreini, and others.

237

Keywords: Italian Women's Literature. Renaissance. Italy.

RESUMEN: Tras un período de estudios en Italia gracias a la selección de PRINT, un programa de Capes diseñado para desarrollar planes estratégicos de internacionalización que mejoren la calidad de los programas de posgrado brasileños y destaque la investigación científica y académica realizada en Brasil, presentamos los resultados de nuestra investigación más reciente sobre la literatura femenina del Renacimiento italiano. Además de realizar una importante actualización bibliográfica, tuvimos acceso a archivos y bibliotecas con material inédito, lo que nos permitió profundizar en la obra de importantes intelectuales del Renacimiento (y más allá). En este artículo, presentaremos a algunas de estas protagonistas de uno de los períodos más ricos de la cultura italiana y mundial — el Renacimiento —, como Santa Catalina de Siena, Lucrecia Tornabuoni, Antonia Giannotta, Isabella di Morra, Gaspara Stampa, Veronica Franco, Veronica Gambara, Vittoria Colonna, Tullia d'Aragona, Isabella Andreini, entre otras.

Palabras clave: Literatura femenina italiana. Renacimiento. Italia.

¹Professora de Literatura Italiana na Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP.

INTRODUÇÃO

Na literatura italiana, das origens à atualidade, a presença das mulheres sempre acompanhou a rica compagine dos escritores masculinos; e não somente em qualidade de personagens ou protagonistas de algumas das mais belas páginas literárias, escritas por homens (pense-se somente em Dante, Petrarca, Boccaccio); mas também como autoras, nos mais diferentes âmbitos da expressão: filologia, poesia, religião, música, teatro, arte, literatura, história, ciência etc.

Por uma questão pessoal, tomamos como ponto de referência para todo o gênero Fiammetta, protagonista de um dos livros mais belos da literatura do Trecento, *Elegia di Madonna Fiammetta*, de Giovanni Boccaccio, pois, é ela que “soggetto due volte” (Mazzucco, 2019); dá, antes de todas, uma autêntica voz expressiva, forte e complexa, às que virão: “Ciascuna per sé e tutte insieme adunate, sono certa che li dilicati visi con lacrime bagnerete” (*Elegia di Madonna Fiammetta*, p.XVII, 1994).

A história da jovem mulher da Florença do século XIV, casada com um homem bom e que a ama, mas, que se apaixona por outro, com o qual não hesita em viver fisicamente sua paixão, e que depois, por ele abandonada, dá livre vazão a todos os sentimentos que ela vive, do amor ao desespero, da tristeza à resignação, da raiva à redescoberta do amor pelo marido, antecipa a complexidade das mulheres modernas.

238

Esse texto pretende apresentar sinteticamente algumas das mais importantes intelectuais da Renascença italiana, autênticas protagonistas da modernidade e em um pé de igualdade com seus colegas homens, de forma bastante inéditas, pois, pouquíssimas delas são conhecidas no Brasil; para, em seguida, publicar uma antologia mais completa com traduções em português de textos inéditos destas escritoras. E, assim, contribuir para a pesquisa sobre literatura e cultura italiana nas academias e junto ao público geral no Brasil.

I AS MULHERES NA LITERATURA ITALIANA

Antes de apresentar as mulheres que fizeram parte dessa estação importante, é necessário contextualizar a época em que elas viveram. Já Burckhardt, em sua obra *A cultura do Renascimento na Itália* (1860; 1866), dedica muito espaço para o novo tipo de mulher, advinda dos séculos XIII e XIV: na parte 5 do livro: ‘A sociabilidade e as festividades’, o capítulo A posição da mulher é totalmente dedicado à elas.

O que diz um dos maiores estudiosos da Renascença sobre a presença e a cultura feminina na época?: “Para a compreensão das formas mais elevadas de sociabilidade presentes no Renascimento é, por fim, essencial saber que a mulher gozava da mesma consideração atribuída aos homens”(Burckhardt, 1991, p.283). Segundo Burckhardt, nas elites da época a educação literária e filológica da mulher é, substancialmente, a mesma daquela dos homens. Além do conhecimento do latim, as mulheres precisavam acompanhar os homens na civil conversazione, conforme o famoso Diálogo de Stefano Guazzo (1574), que constituía o cerne da civilização das cortes renascentistas, sobretudo sobre os temas da Antiguidade clássica. Em particular, era muito forte o interesse pela poesia italiana, já provida de uma longa tradição (anterior ao próprio Dante).

A veneziana Cassandra Fedele (final do século XV) tornou-se famosa com suas canzoni, sonetos e improvisações; Vittoria Colonna mereceu a alcunha de imortal. Segundo Burckhardt:

Se algo comprova (isso), esse algo é essa poesia feminina com seu tom inteiramente masculino. Os sonetos de amor, tanto quanto os poemas religiosos, exibem um caráter tão decidido e preciso, estão tão distantes da terna penumbra da paixão e de todo o diletantismo, em geral vinculado à poesia feminina, que se poderá tomá-los completamente por obras de um homem (Burckhardt, 1991, p.284).

239

Evidentemente, Burckhardt ainda se pauta em uma caracterização dos gêneros literários, bem longe das revisões da contemporaneidade, pois ele também é filho de seu tempo (1818-1898). Mesmo assim, na época foi bastante revolucionária sua posição diante da questão. E, continuando com sua reflexão a partir de Vittoria Colonna, acrescenta:

Junto com a educação, também se desenvolve um individualismo feminino singular [...] Na Itália, já ao longo de todo o século XV, as esposas dos soberanos, e sobretudo as dos condottieri, possuem quase todas uma fisionomia particular, reconhecível, desfrutando de sua parcela de notariedade até mesmo de glória. A estas vem juntar-se (...) uma multidão de mulheres famosas dos mais variados tipos, embora seu traço distintivo tenha consistido somente no fato de que, nelas, disposição, beleza, educação, bons costumes e religiosidade formavam um todo inteiramente harmônico. (Burckhardt, 1991, pp. 284-285).

Ainda diz: Não se pode aqui absolutamente falar em uma particular ‘emancipação’ consciente, porque esta existia naturalmente. A mulher de posição, tanto quanto o homem, ansiava então, necessariamente, por um desenvolvimento total e completo de sua

personalidade, em todos os seus aspectos. Na mente e no coração, o mesmo desenvolvimento que torna o homem perfeito deve tornar perfeita também a mulher. (Burckhardt, 1991, p.285).

E continua: “O maior elogio que se podia fazer então às grandes mulheres italianas era dizer delas que tinham um espírito, uma índole masculina.” (Burckhardt, 1991, p.285). O autor chama nossa atenção para as viragos dos poemas heroicos, sobretudo os de Boiardo e de Ariosto, “para que percebamos tratar-se aqui de um ideal determinado. E cita os casos de Caterina Sforza, esposa e viúva de Girolamo Riario, que teve a coragem de enfrentar Cesare Borgia, por isso chegando a ser chamada de “prima donna d’Italia” (Burckhardt, 1991, p.285), e da magnifica senhora de Ferrara, Isabella d’Este Gonzaga, essa, sim, um pouco mais jovem que Caterina, ‘prima donna d’Italia’, tal apelidada por Ariosto.

Justamente é Ariosto que nos apresenta o primeiro, orgânico desfile das mulheres da Renascença em seu *Furioso*. Mulheres como essas podiam manter circuitos literários sem que sua honra social ficasse manchada: era “a consciência da própria energia, da beleza e de um presente perigoso e repleto de oportunidades” (Burckhardt, 1991, p.285) que poderia classificar o comportamento dessas mulheres, vistas com os olhos dos contemporâneos de Burckhardt como despudoradas.

Justamente por isso, observa o autor suíço, nota-se a falta, nestas listas, de mulheres jovens, “mantidas zelosamente distantes” (Burckhardt, 1991, p. 286), dessa sociedade sem particulares freios morais, quase paga. Mais uma vez nos lembramos de Fiammetta: essa mulher de dois séculos antes, que aparece mais ousada de muitas de suas irmãs renascentistas, ao pretender tomar livremente de sua vida e de seus sentimentos mais íntimos. Dessa sociedade aparentemente muito liberal fazem parte também os ambientes das cortesãs (quando já a palavra tinha se definido em sua essência de prostituta de alto nível). Historicamente, esse mundo podia remeter àquele clássico das hetairai gregas, amigas e amantes de Péricles e dos grandes gregos.

240

Burckhardt refere-se à várias delas: A famosa cortesã romana Imperia era uma mulher inteligente e culta, que aprendera com um certo Domenico Campana a escrever sonetos e possuía ainda habilidades musicais (citada também por Aretino); a bela Isabela de Luna, de origem espanhola, era ao menos tida como divertida, exibindo, de resto, um composto singular de bondade e de uma língua terrivelmente ferina e insolente; em Milão, Bandello conheceu a majestosa Caterina di San Celso, que tocava, cantava e recitava versos magnificamente (...) Conclui-se disso tudo que as pessoas famosas e inteligentes que visitavam e, de tempos em

tempos, viviam com essas mulheres delas exigiam também qualidades intelectuais, e que as cortesas mais famosas eram tratadas com a maior consideração (Burckhardt, 1991, p.286).

Burckhardt não esquece tampouco das “amantes dos príncipes (...) objeto da atenção de poetas e artistas; suas pessoas são, portanto, conhecidas de seus contemporâneos e da posteridade” (Burckhardt, 1991, p.287), enquanto isso geralmente não acontece fora da Itália. Pense-se, somente, no caso de Cecilia Gallerani, a belíssima amante de Ludovico il Moro, duque de Milão, retratada por Leonardo como ‘La dama con l’ermellino’. Lendo a obra Orlando Furioso, em que Ariosto cita todas as principais mulheres da época, vemos claramente como ele as destaca por suas qualidades e valor.

2. A ESCRITA COMO TERRITÓRIO DE CONQUISTA SIMBÓLICA

Ao longo da história da cultura ocidental, o lugar reservado à mulher no campo da produção literária foi, com raras exceções, o da marginalidade ou da invisibilidade. No entanto, ao observarmos com mais acuidade o Renascimento italiano — época marcada pela recuperação dos ideais clássicos, pela efervescência artística e pelo florescimento das letras —, encontramos figuras femininas que romperam as amarras do silêncio e se inscreveram no discurso com força autoral. Longe de serem vozes dissonantes ou eventuais, essas mulheres inscreveram-se em redes de sociabilidade, mecenato e espiritualidade que tornaram possível a emergência de seus escritos. Suas obras não apenas atestam um domínio técnico da língua e dos gêneros literários em voga, mas também revelam uma consciência aguda da própria condição de gênero em uma sociedade patriarcal e letrada. Este capítulo visa justamente explorar como a escrita se tornou, para essas mulheres, um território de conquista simbólica, um gesto que reconfigura, ainda que parcialmente, o lugar da mulher no imaginário cultural renascentista.

241

2.1 Entre a devoção e o pensamento: a mulher teóloga e mística

A primeira forma de legitimação da palavra feminina no Renascimento italiano esteve profundamente ligada à espiritualidade. Santa Caterina de Siena (1347–1380), embora anterior ao ápice do movimento renascentista, representa um caso paradigmático. Sem formação formal nos moldes universitários da época, Catarina não apenas ditou cartas e tratados que circularam amplamente, como influenciou papas, reis e intelectuais. Sua obra *Il Dialogo della Divina Provvidenza* revela uma complexidade teológica que, como aponta Cavallini (2019), desafia o binarismo entre razão e mística, frequentemente imposto às mulheres do período. Ao ser

proclamada Doutora da Igreja séculos depois, sua palavra foi canonizada — mas no século XV, tratava-se ainda de uma ousadia.

O discurso místico permitia à mulher ultrapassar o corpo, renunciando à feminilidade normativa em nome de uma autoridade espiritual. Porém, essa renúncia era performativa: escrevendo a partir do êxtase ou da revelação divina, muitas autoras construíram formas de agenciamento simbólico. Como argumenta Cavarero (1990), o corpo da mulher medieval e renascentista estava duplamente vigiado: pela instituição religiosa e pelo código patriarcal da linguagem. Nesse sentido, a escrita espiritual tornava-se uma via para a transcendência não apenas mística, mas epistemológica.

2.2 Poesia e poder: escritoras na corte e na cidade

Se a experiência religiosa autorizava determinadas mulheres a escrever, o espaço cortesão e urbano ofereceu outro modelo de legitimação: o do refinamento literário como atributo nobre. Nomes como Lucrezia Tornabuoni, Veronica Gambara e Vittoria Colonna inserem-se nesse contexto. Lucrezia Tornabuoni, mãe de Lorenzo de' Medici, atuou não apenas como matriarca de uma das famílias mais influentes de Florença, mas também como poetisa e dramaturga. Seus Laudi evidenciam um domínio da tradição religiosa e popular, ao passo que seus escritos políticos — ainda que discretos — sugerem o uso estratégico da linguagem na esfera pública (Brucker, 2005).

Veronica Gambara e Vittoria Colonna, por sua vez, representam o auge da poesia feminina aristocrática. Colonna, amiga de Michelangelo e correspondida por reformadores como Juan de Valdés, compôs sonetos de temática religiosa e elegíaca que foram lidos e comentados por seus contemporâneos com reverência. Gambara, à frente da pequena corte de Correggio, articulou política e poesia em sua correspondência e em seus versos, conferindo à palavra um valor performático e diplomático. Para Ross (2009), essas autoras não apenas imitavam os modelos petrarquistas, mas os reconfiguravam de modo a inserir a experiência feminina no cânone lírico.

É preciso frisar que essa produção não se dava à margem dos círculos letrados: pelo contrário, muitas dessas mulheres dominavam o latim, frequentavam academias ou mantinham correspondência com eruditos. Essa presença, embora nem sempre reconhecida pelos cronistas do período, desvela um tecido intelectual mais plural do que nos fizeram crer as histórias literárias hegemônicas.

2.3 Margens e resistências: as vozes subversivas

Há, por fim, as mulheres cuja escrita parece nascer de uma urgência dolorosa, marcada pela exclusão social ou pela marginalização afetiva. Isabella di Morra é talvez a figura mais trágica deste conjunto. Isolada em seu castelo no sul da Itália, sem acesso às cortes nem às academias, Morra escreveu poemas de uma intensidade brutal, nos quais a solidão, o destino e a violência familiar se entrelaçam. Assassinada pelos próprios irmãos, por suspeita de um amor ilegítimo, sua obra só foi publicada postumamente. A crítica moderna (Sapegno, 1992; Bellonci, 2002) tem lido seus versos como um exemplo raro de lirismo político-existencial feminino no Cinquecento.

Gaspara Stampa e Veronica Franco, por outro lado, escreveram em Veneza, cidade de ambíguas liberdades. Ambas cortesãs, ambas cultas e refinadas, desafiaram o moralismo da época com uma poesia que mesclava paixão, inteligência e ironia. Franco, em especial, deixou não apenas sonetos, mas também cartas e tratados em defesa das mulheres, como sua célebre *Lettera a M. G. Soranzo*, em que denuncia o julgamento moral da figura feminina. Como observa Cox (2008), a escrita de Franco constitui uma forma de autodefesa discursiva e ao mesmo tempo um gesto político.

Essas vozes, longe de serem periféricas, revelam uma outra cartografia da escrita feminina no Renascimento: uma que passa pelo desejo, pela dor, pela erudição e pelo enfrentamento simbólico de estruturas patriarcais. A pluralidade de suas experiências e estilos impede qualquer tentativa de unificação. Ao contrário, é na polifonia dessas autoras que emerge uma literatura feminina que é, ao mesmo tempo, testemunho, invenção e resistência.

243

3. ESTRATÉGIAS DE LEGITIMIDADE E INSCRIÇÃO NO CÂNONE

A produção literária das mulheres no Renascimento italiano não se deu sem conflitos. Por mais que essas autoras tenham conseguido publicar ou circular seus textos em certos contextos privilegiados — cortes, salões, mosteiros ou academias —, a legitimação de sua autoridade discursiva permaneceu como uma tensão constante. Neste capítulo, examinaremos as estratégias por meio das quais essas escritoras buscaram inscrever-se em espaços de prestígio intelectual, desafiando os dispositivos simbólicos que tradicionalmente excluíam as mulheres do campo da autoria. Analisaremos ainda os mecanismos pelos quais a tradição crítica posterior absorveu — ou silenciou — tais vozes, num movimento ambivalente entre consagração e esquecimento.

3.1 A mulher autora e os dispositivos de autoridade

No contexto renascentista, a figura do "autor" estava profundamente marcada por características de gênero, classe e saber. Ser autor significava mais do que simplesmente escrever: implicava ser reconhecido publicamente como alguém cujos textos mereciam circulação, memória e comentário. Para as mulheres, isso exigia manobras discursivas complexas. Era necessário, muitas vezes, apresentar-se como exceção à regra ou como mediadora de uma voz superior, seja divina, seja masculina.

Tullia d'Aragona, por exemplo, filósofa e poeta, escreveu *Dialogo della infinità d'amore*, obra filosófica em forma dialógica, na qual argumenta em favor de uma concepção do amor que inclui o prazer intelectual e corporal feminino. Sua escolha pelo diálogo platônico não é fortuita: trata-se de um gênero que já havia garantido autoridade a autores como Ficino ou Leone Ebreo, e que permitia a introdução da mulher como interlocutora sem que sua voz fosse imediatamente contestada. Como aponta Robin (2007), essa estratégia de encarnar a filósofa erudita, sem abdicar da experiência feminina, foi uma das mais ousadas formas de subversão simbólica do período.

Outro exemplo notável é o de Isabella Andreini, atriz e escritora vinculada à companhia teatral I Gelosi, que teve projeção internacional. Sua obra poética, publicada e amplamente lida, dialoga tanto com a tradição petrarquista quanto com a experiência da cena. No prefácio de seus *Rime*, Andreini reivindica para si a dignidade do ofício poético, sublinhando sua erudição e sua capacidade técnica. Para Finucci (2003), sua performance autoral desafia as fronteiras entre arte popular e arte culta, entre corpo feminino e intelecto.

Essas autoras não apenas escreveram: elas construíram lugares de enunciação legitimados por meio de formas retóricas, intertextuais e sociais. Escrever, nesse contexto, era também performar uma identidade autônoma diante de um sistema que constantemente as remetia ao silêncio ou à imitação.

3.2 Memória, esquecimento e cânone: uma disputa em curso

Ainda que tenham obtido certa visibilidade em vida, muitas dessas escritoras foram, nos séculos seguintes, apagadas dos cânones literários. A crítica oitocentista, em especial, operou uma reconfiguração do Renascimento que privilegiou figuras masculinas e narrativas lineares do progresso das letras. Como observa Duby (1993), a história da cultura ocidental é

também a história de sucessivas exclusões seletivas, em que a memória é constantemente reescrita segundo interesses de gênero, poder e identidade nacional.

A ausência dessas mulheres nas antologias, nos manuais escolares e nos cursos de literatura não se deve à irrelevância de suas obras, mas ao funcionamento ideológico da tradição. A redescoberta de muitas delas — como no caso de Isabella di Morra ou Veronica Franco — só ocorreu com os estudos feministas e culturais a partir da segunda metade do século XX. Segundo Cox (2011), a crítica feminista italiana e anglo-saxã tem sido decisiva na reconstrução de um mapa alternativo da literatura do Cinquecento, no qual o gênero deixa de ser um elemento acidental e passa a ser uma chave interpretativa.

Essa disputa pelo cânone não está encerrada. Ainda hoje, as obras dessas autoras são, em muitos casos, acessíveis apenas em edições críticas especializadas, sem tradução ou circulação ampla. Isso nos obriga a pensar o cânone não como um dado natural, mas como um campo de batalha simbólico no qual a presença feminina precisa ser constantemente afirmada e reinscrita. Como afirma Braidotti (2004), pensar a subjetividade feminina no tempo é também pensar a temporalidade da exclusão e da resistência, em que a memória não é arquivo, mas gesto ético.

A inscrição dessas mulheres na história da literatura italiana não pode ser apenas um ato de recuperação arqueológica. Trata-se de reconhecer que seus escritos compõem um repertório ativo de possibilidades simbólicas, cuja leitura ainda nos desafia, interpela e transforma. Ao reinscrevê-las no discurso acadêmico, não estamos apenas reparando omissões históricas: estamos propondo outras formas de ler, de lembrar e de narrar a cultura.

245

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, a tratatística da época (quase um gênero inventado na época) concede muito espaço às mulheres, tanto que pode-se dizer que a ‘civil conversazione’ acima citada, e, portanto, a Renascença conforme a entendemos, e conforme se estruturou em toda a Europa - constituindo um modelo que extravasou as fronteiras do continente e expandindo-se no mundo inteiro: pense-se por exemplo ao arcadismo sul-americano, inclusive ao brasileiro - não existiria sem a presença delas. Mulheres importantes aparecem nos tratados mais importantes, tomam livremente a palavra e assumem corajosamente suas reflexões, frente a intelectuais homens nem sempre à altura delas.

Além de expressar suas ideias com a palavra e com a escrita, há mulheres músicas, pintoras, atrizes, cientistas. Não nos esquecemos que o século XVI é quando surgiu a *Commedia dell'Arte*, em que pela primeira vez (oficialmente) as mulheres podiam atuar e escrever textos teatrais, os ‘canovacci’. O exemplo do Concerto delle Dame di Ferrara (um conjunto musical integrado exclusivamente por mulheres, e que se exibia nas maiores cortes do Norte da Itália) foi seguido por outros, menores mas não por isso menos significativos. Sem falar da variação de modelos de personagens literários inspirados por todo aquele período, e que perdurou no tempo, oferecendo objeto de estudo e de criação poética para autores até atualmente.

De fato, assiste-se hoje a um renovado interesse pela presença ativa das mulheres na história da cultura e do pensamento humano, mesmo de antigamente, como personagens, como autoras, como pensadoras. Com certeza, isso em parte é fruto da atenção que, nos últimos anos, tem adquirido a produção artística feminina, no mundo inteiro, de todo lugar que fosse.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

Este artigo resulta das pesquisas realizadas na Itália durante o período de estudos vinculado ao programa PRINT/CAPES.

246

REFERÊNCIAS

- ANTOLINI, Cornelia. *Alinda Brunamonti e Vittora Colonna*. Firenze: Tipografia Barbera, 1926.
- ARIOSTO, Ludovico. *Orlando Furioso di Ludovico Ariosto, raccontato da Italo Calvino*. Milano: Oscar Mondadori, 2014.
- BELLONCI, Maria. *Rinascimento privato*. Prefácio de Melania Mazzucco. Milano: Mondadori, 2022.
- BELLONCI, Maria. *Segreti dei Gonzaga*. Milano: Mondadori, 2002.
- BERTOGLIO, Johnny Lenny. *Controcanone. La letteratura delle donne dalle origini a oggi*. Torino: Loescher Editore, 2022.
- BOCCACCIO, Giovanni. *Elegia di Madonna Fiammetta – Corbaccio*. FRANCESCO ERBANI (Org.). Milano: Garzanti, 2019.
- BOCK, Gisela. *La donna nella storia europea*. Bari: Laterza, 2023.
- BRAIDOTTI, Rosi. *Metamorfoses: para uma teoria materialista do devir*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.

BRUCKER, Gene. *Lucrezia Tornabuoni: poetry and politics in fifteenth-century Florence*. In: KIRSHNER, Julius (Ed.). *Culture and politics in early Renaissance Italy*. Princeton: Princeton University Press, 2005. p. 107–130.

BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CAVALLINI, Giorgio. *Caterina da Siena e la lingua della rivelazione*. Roma: Studium, 2019.

CAVARERO, Adriana. *Não nasce mulher quem quer: figuras da diferença sexual*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

COX, Virginia. *Women's writing in Italy, 1400–1650*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2008.

COX, Virginia. *The protracted renaissance: women's writing in Italy and the canon*. In: WOOLF, Virginia; BENNETT, Joan. *Gender and the canon in the West*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 78–103.

DOYLE, Jude Ellison Sady. *Il mostruoso femminile: il patriarcato e la paura delle donne*. Milano: TLON, 2021.

DUBY, Georges. *A escrita da história*. São Paulo: Forense Universitária, 1993.

DUBY, Georges. *I peccati delle donne nel Medio Evo*. Bari: Laterza, 2020.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *Storia delle donne*. Bari: Laterza, 2003.

247

ESPOSITO, Vittoriano. *L'altro Novecento (vol. II): la poesia femminile in Italia. Con rassegna storica dal '200 all'800*. Foggia: Bastogi, 1997.

FEMINA, Janina Ramirez. *Storia del Medioevo attraverso le donne che sono state cancellate*. Milano: Il Saggiatore, 2023.

FERRONI, Giulio. *Profilo storico della letteratura italiana*. Torino: Einaudi, 2011.

FINUCCI, Valeria. *The manly masquerade: masculinity, paternity, and castration in the Italian Renaissance*. Durham: Duke University Press, 2003.

FLORA, Francesco (Org.). *Gaspara Stampa e altre poetesse del '500*. Milano: La Vita Felice, 2020.

MAGLIANI, Eduardo. *Storia letteraria delle donne italiane*. Napoli: Cav. Antonio Morano, 1885.

MAZZUCCO, Melania. *L'architettrice*. Torino: Einaudi, 2019.

ROBIN, Diana. *Publishing women: salonnieres, writers, and educators in early modern Italy*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

ROSS, Sarah. The birth of feminist criticism in Renaissance Italy: Veronica Gambara and Vittoria Colonna. In: WIESNER-HANKS, Merry (Ed.). *Women and gender in early modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 55–73.

SAPEGNO, Natalino. *Storia della letteratura italiana*, vol. III: il Cinquecento. Milano: Garzanti, 1992.

SIENA, Santa Caterina. *Il Dialogo della Divina Provvidenza*. CENTI, Tito Sante (Org.). Siena: Edizione Cantagalli, 1980.

STAMPA, Gaspara. *Rime*. Introdução de Maria Bellonci, Notas de Rodolfo Ceriello. Milano: Fabbri, 2001.

TARUGI, Luisa Secchi (Org.). *La donna nel Rinascimento. Amore, famiglia, cultura, potere*. Anais do XXIX Congresso Internazionale (Chianciano Terme-Montepulciano, 20-22 de luglio de 2017). Firenze: Franco Cesati Editore, 2019.

VALLE, Francesca Rachel. *Eleonora de Toledo, sposa amata di Cosimo I de' Medici*. Firenze: Angelo Pontecorboli Editore, 2018.

ZONTA, Giuseppe (Org.). *Trattati d'amore del Cinquecento*. Bari: Laterza, 1980.